

PAISAGEM E TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS DO “BRASILEIRO”

Miguel Monteiro

Nas caminhadas de hoje, as cidades perdem-se por entre imagens cinzentas dos novos objectos urbanos disformes, dos ruídos, dos fumos... Ao lado, ficam os lugares suaves e adormecidas do passado. Por caminhos abandonados, repousam ignorados os pequenos recantos onde assenta a memória e a alma dos que os habitaram, onde se espelha a matriz de um povo de emigrantes.

Relembre as antigas chegadas às Vilas do Minho, caminhando por vias medievais, subindo vagarosamente pelas calçadas que levavam a destinos inventados pelo sonho de emigrantes, actores e testemunhas da abertura das novas estradas e pontes do século XIX, em desenhos sinuosos feitos nas encostas. Procure aí os lugares mágicos de antigos heróis e as devoções a santos, hoje ignorados, sentindo em cada passo a caminhada de peregrinos em viagens de saída e do retorno sempre desejado.

Ouvem-se ainda, nas pedras gastas daquelas vias, o trote de cavalos senhoriais e sentem-se as vérias em orações majestosas feitas de velas e esmolos, nas alminhas sóbrias daquelas antigas vias e as sonoridades de sinos das igrejas, que marcaram os antigos centros e outras fronteiras. Reinvente, também, os horizontes que foram novos na paisagem com a chegada dos primeiros comboios presos a carris de ferro, nas estreitas vias rasgadas em sinuosos e demorados trajectos, se não se perder, agora, nas velocidades de novas auto – estradas.

Desvende na ampliação das antigas casas agrícolas e das suas propriedades, o lugar que acolheu os progressos técnicos agrícolas, o milho, a batata e o feijão ameríndios, testemunhos da saída do seu proprietário para o Brasil e a chegada de capitais, como expressões materiais e também simbólicas do “Brasileiro” *“como factor de capital importância na economia minhota. É ele quem dá lustre aos brasões dos quase infinitos solares fidalgos, decaídos do esplendor antigo.”*¹

Nas aldeias dos vales do Minho, hoje preenchida de novos objectos arquitectónicos, reencontre, ainda nos mesmos lugares, andando *pela quebrada encosta*, nos antigos e desconfigurados trajectos e, em sítios que estiveram *“discretamente escondidos na verdura das áleas”*; ² situadas *“à beira da estrada,*

¹ António FIGUEIRINHAS, (prefácio), António COSTA, *No Minho*, 2.º Ed. Porto, António Figueirinhas, 1900

² Mário BRAGA, *As ideias e a vida*, Coimbra, Atlântida, 1958, pp.97-98

*símbolos de um século novo, as casas dos brasileiros*³, onde permanecem imóveis e silenciosas *“no sítio onde nasceu”*⁴ o seu proprietário.

Observe as representações desse tempo, particularmente, nessa personagem e nas casas, onde se espelharam os lucros do emigrante que *“corre veloz ao lar amado, a erguer as paredes do pátrio casebre, a cobrir de arrecadas as irmãs queridas e a continuar, aqui, a vida laboriosa que nas terras do Brasil foi a sua glória”*.⁵

Os que o viram partir em menino, reconheceram nele em tempos de retorno, os efeitos de uma dinâmica económica nova e de uma abundância estranha às gentes do Minho. É o “Brasileiro” quem faz arrotear os montes, agricultar os campos, podar as vinhas, levantar as elegantes ramadas. Promove *“o progresso agrícola, dando nas suas quintas o exemplo da cultura inteligente, espalhando dinheiro a juro, não só beneficia as populações com seu exemplo e com seu labor, como exerce uma importantíssima função económica suprimindo a falta de estabelecimentos de crédito.”*⁶

Procure um país e uma época que se materializou na construção de bibliotecas e museus, câmaras municipais, governos civis, mercados, matadouros, serviços postais, telegráficos, telefónicos, fábricas oficinas e armazéns, estações de caminho de ferro, bancos, bolsas, teatros, casinos, grémios, ginásios, coliseus, estabelecimentos balneares, como sinais de um tempo que ligou duas margens do Atlântico.

Proponho que olhe com atenção particular os palácios, como solução arquitectónica predominante nas décadas de cinquenta a sessenta do século XIX, com breves semelhanças com os palácios nobres, nos frontões, em tímpano perfeito, truncado ou imperfeito, ou falsos frontões, incluídos na estrutura do edifício e completando a linha das suas fachadas.

No seu interior será recebido em átrios de pedra, que o Século XVIII conheceu no exterior de outros imóveis. Dê-se conta da iluminação natural feita por largas clarabóias decoradas em finos estuques e olhe os tectos de caixotões barrocos, de castanho, geralmente decorados com pinturas ornamentais ou estuques decorados e as paredes forradas a tecidos aveludados.

Regresse ao caminho que nos leva à Vila onde se podem ver os sinais de uma arquitectura urbana construída *“à beira dos ribeiros sussurrantes, as poéticas vivendas*

³ Idem, Ibidem.

⁴ Júlio DINIS, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto, Liv. Civilização, 1964, p.137

⁵ António FIGUEIRINHAS, (prefácio), António COSTA, *No Minho*, 2.º Ed. Porto, António Figueirinhas, 1900

⁶ António FIGUEIRINHAS, (prefácio), António COSTA, *No Minho*, 2.º Ed. Porto, António Figueirinhas, 1900

*que fazem lembrar palácios de fadas*⁷, testemunho dos seus construtores, onde se podem descobrir os sentidos desse tempo invasor de territórios rústicos, nos quais a casa servia tradicionalmente as funções agrárias: abrigo dos animais, guarda dos excedentes agrícolas, de alfaias e dos fenos e, a casa de seus proprietários, numa convivência íntima hoje surpreendente.

É tempo de olhar outros modelos arquitectónicos: as Casas Apalaçadas e Palacetes das duas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX. Leia na fachada ou nos portões o monograma do seu proprietário ou a designação de *Vila*, numa expressão de identidade matriarcal, protectora dos pobres, íntima do padre e benemérita da igreja.

Nesta designação exhibe-se a homenagem do “Brasileiro” à sua mulher que, no lugar de origem guardou, durante anos, a sua chegada em viagens de “vai e torna” e deu descendência e sentidos à família da elite local, ao mesmo tempo que nos pode fazer lembrar sentidos de propriedade das *Vilas rústicas*, inscritos na matriz medieval dos seus ascendentes.

Aqueles imóveis, que hoje apresentam sinais da degradação do seu antigo esplendor e evidenciam a mesma trajectória nos ignorados descendentes, aparecem-lhe quase sempre de frente, como um postal ilustrado do passado, nos limites oitocentistas das cidades e das vilas e no espaço rural. As fachadas, umas vezes lisas outras revestidas a azulejo, implantam-se recuadas da via pública e, por vezes, ajustam-se aos limites das vias.

Nestas, a fachada principal dá directamente para a via pública e, as laterais e posteriores para um jardim, onde se podem ver os sinais do exotismo no pátio, parque ou quinta adjacente, nas centenárias palmeiras, símbolo da vivência no Brasil.

Veja como, em certos casos, procuram uma certa proporcionalidade entre o comprimento e a altura, procurando alguma harmonia, marcada pelos eixos das portas, janelas, eixos das pilastras divisórias, divisão horizontal em andares, nem sempre conseguida, tornando-se, por isso, monótonas à vista, pelo que, algumas vezes, as varandas procuram aumentar a largura aparente e outras vezes as pilastras procuram acentuar a verticalidade. Noutros casos ainda, os terraços decorados interrompem a sua verticalidade.

Desobedecendo às normas que definiam a tipologia clássica para a marcação das simetrias das fachadas, o palacete apresenta-se com quatro fachadas, num exercício extremo de simetria, dando ao edifício uma forma quase cúbica. Outras vezes, marcado numa base de assentamento quadrado, a assimetria das fachadas é

⁷ António FIGUEIRINHAS, prefácio, in António da COSTA, *No Minho*, 2.º Ed., Porto, António

acentuada por torres e minaretes que lhe dão verticalidade estrutural gótica no que foi a imagem de uma “casa de campo”.

A estrutura, os materiais utilizados, as dimensões e a decoração destes imóveis, descritos na época como “*belo palacete com portões de ferro ao lado, mirante, platibanda de granito*”⁸, ou “*uma casa grande, de cantaria e azulejo, com três andares e varandas*”⁹ ou, ainda, configuradas com um “*cubo de alvenaria com enfeites de ripa e latão*”¹⁰ compõem a descrição de uma arquitectura ecléctica própria de um tempo feito de homens cosmopolitas.

Invente novos olhares e sentidos para a compreensão do tempo, dos homens e dos símbolos da modernidade perante o espanto e a surpresa que então provocaram: “*Vão-se os olhos naquilo! Esta maravilha arquitectónica devem-na as artes ao gosto e génio pinturesco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha*”¹¹.

No conteúdo das descrições da época, encontre os sentidos críticos que então se davam às casas e, já distanciado no tempo, venha descobrir os proprietários e o gosto de uma época nas casas de “*dois sobrados, caiada, azulejada, com suas colunas pintadas de verde e como de papelão grudado à parede, com as bases amarelas e os vértices escarlates*”¹² e, particularmente, nos elementos decorativos então desconhecidos na paisagem rural, tais como: as sacadas, as vidraças com bandeiras divididas em variadas figuras geométricas, e a Arte Nova, tida na época, como “*arte de fantasia farfalhada*”.

Este olhar minucioso dar-lhe-á a conhecer a arquitectura e a elegância decorativa de um tempo recente, que foi objecto da atenção dos clássicos da nossa literatura e exercício de descrições do contexto narrativo, em que a “*casa do Brasileiro*” atingiu a sua expressão mais caricatural: “*cor de gema de ovo, com terraço no tecto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dois cães de bronze, sobre as ombreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dois molossos de dentaduras anavlhadas, minazes, como todos os bichos da heráldica.*”¹³

Figueirinhas, 1900

⁸ Camilo CASTELO BRANCO, *Eusébio Macário*, 7ª ed., Porto, Liv. Chardon, s/d., p.50

⁹ Júlio DINIS, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto, Liv. Civilização, 1964, p.137

¹⁰ Mário BRAGA, *As ideias e a vida*, Coimbra, Atlântida, 1958, pp.97-98

¹¹ Camilo CASTELO BRANCO, *O Senhor de Paço de Ninães*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1966, pp.23-24

¹² Idem, *Ibidem*

¹³ Camilo CASTELO BRANCO, *Eusébio Macário*, 7ª ed., Porto, Liv. Chardon, s/d., p.50

Sugerimos que descubra o azul, verde, o amarelo e o vermelho, os símbolos do Brasil e de Portugal, nas cores dos azulejos das fachadas, nos vitrais das bandeiras das portas e nos remates exteriores das clarabóias.

Demore-se na busca dos pormenores dos portões e depois nos beirais de faiança, nos desenhos das varandas estreitas com guardas de ferro forjado ou fundido, nas platibandas de granito decoradas, nos lanternins e descobrirá um quadro de encantos coloridos de gente majestosa e elegante. Conheça na estatuária os sentidos de mitologia clássica, ou então as figuras das estações do ano de importação francesa.

A entrada principal do rés-do-chão, pouco elevado do solo, é formado por uma galeria exterior, permite o acesso à escadaria de pedra em forma de pórtico, escada para o andar nobre, a sala, a casa de jantar, um quarto, escada de serviço para a cave e primeiro andar, gabinete, o corredor, vestíbulo, sala, quarto de cama, quarto de vestir, casa de banho,

Os espaços distribuem-se em salas para a frente e para as traseiras, a sala de jantar e cozinha no último andar. Os sótãos servem de arrecadação e alojamento da criadagem e a meio, a escadaria, como sempre, iluminada por clarabóias.

Sinta a vivência do tempo no interior dos átrios decorados com azulejo, as escadarias de madeiras preciosas, os tectos de estuque, portas e janelas altas encimadas por bandeiras com vitrais coloridos, lustres de cristal e delicados móveis e porcelanas e demore-se mais uma vez a olhar as suas clarabóias.

O seu interior leva-nos a lugares de encanto que preenchem as salas de mobília rica: um canapé de palhinha e seu jogo de cadeiras, uma secretária de cerejeira envernizada e, pelas paredes, bilhetes-postais com vistas do Rio de Janeiro, uma oleografia e litografias coloridas. O piano ou bilhar compõe o cenário.

Circulam criadas para várias funções em gerações de famílias como numa obrigação de devoção quase servil num casa, às vezes com aparência modesta, pertence a uma família de burgueses, ricos de projecção na vida social, evidenciando interiormente alguma opulência. Nelas, a simplicidade utilitária contrasta com as madeiras preciosas, de paus do Brasil, rosa ou cetim, ou em finos estuques testemunhando influências inglesas.

As portas são de belas almofadas entalhadas, pintadas a branco e ouro, com “espelhos” de madrepérolas ou marfim; as vidraças, com bandeiras, possuem desenhos; fogões de mármore famosos; lustres de cristal; jóias e pratas de valor, delicados móveis e porcelanas inglesas ou orientais, bibliotecas ou colecções valiosas, uma mesa farta e cuidada, vinhos afamados – tudo isto testemunhando, nesses níveis mais altos, um viver “Brasileiro” em casa burguesa.

Desvende nos limites das cidades, ou mesmo dentro delas, os ainda visíveis requintes arquitectónicos da casa do «Brasileiro» e outros símbolos de burgueses do século XIX, como evidências de um tempo ainda recente e pouco conhecido.

Procure, no que ainda resta dos jardins privados, as árvores exóticas, os caramanchões e as estátuas, como elementos de um cenário abandonado. Nos públicos, com aspecto híbrido de alameda e jardim privado, delimitados por grades de ferro, apoiadas em pilares de pedra e encimados por pirâmides ou outros motivos decorativos, encontrará o lago sinuoso, um coreto e o romantismo a circular por entre canteiros de flores. Aí sentirá o paladar de estar nos altares silenciosos e restritos de burgueses, neste Minho que foi o lugar das evidências do retorno do “Brasileiro”. Procure também nos bancos de jardim, mictórios e candeeiros de iluminação o que foi o mobiliário urbano, que decorou as ruas, jardins e parques.

Sinta aí o que resta do que foram aqueles espaços, desenhadas a ocres e olhe novamente os azulejos que cobrem as fachadas das Praças como locais eleitos para a representação de sonhos e suores equatoriais e dos que exibem novos símbolos de poder.

Construa uma metáfora do tempo que marcou a conjuntura económica brasileira e as transformações estruturais ocorridas em Portugal, manifestadas no quadro das reformas administrativas, no aumento da circulação de pessoas e mercadorias, onde o “Brasileiro” esteve presente.

Os lugares privilegiado do “Brasileiro” foram as Vilas Novas, sedes da nova administração liberal localizadas em sítio de passagem e circulação, que tinham a sua matriz fundadora em lugares de feira ou cruzamento de vias.

Estas ganharam uma acrescida importância, iniciando uma configuração urbana marcada pela abertura de novas ruas e praças, bem como pela disposição e modelos das novas edificações. A estruturação e o desenvolvimento urbano estão intimamente ligados, quer à implantação do liberalismo, quer à República, dado que o capitalismo liberal facilitou a acumulação e circulação de recursos financeiros disponíveis. A república municipalista estimulou a acção e a iniciativa dos cidadãos para a participação autárquica e a promoção de iniciativas cívicas, continuando o processo de desenvolvimento liberal .

As vilas recebem as novas elites que davam sentido aos novos ideários políticos e os “Brasileiros” aí estavam a ocupar os lugares públicos que foram dos seus ascendentes, agora reforçados por constituições, códigos, decretos e deliberações municipais. Aí se forjavam sentidos de descendência, na colocação em lugares na administração pública, para gente que vivia de rendimentos e que fazia das cidade de

Lisboa e do Porto o lugar de eleição para demoradas estadias instalados em hotéis ou procurava a sua residência definitiva.

Simultaneamente, encontre-os na liderança das primeiras agremiações de interesse social, nomeadamente nas confrarias e nas Irmandades da terra. No Clube, discutem-se as últimas novidades chegadas da Europa e o calor da política incendeia paixões com raiz nos ideários liberais maçónicos e se faz política, tecendo estratégias de poder.

No teatro, que mandou fazer mesmo no centro da vila, exhibe o seu gosto pelas artes e o desejo de promover-se e promover a cultura. Ele completa, na época, os elementos de cultura necessária a este grupo social formado de emigrantes do Brasil, que se destacou do conjunto da população rural local.

Os recursos financeiros dos capitalistas tomam, nas vilas, importância peculiar por se constituírem, quase exclusivamente, de capitais dos “Brasileiros de tornaviagem” que publicamente se assumem como comendadores. São os edificadores das primeiras indústrias instaladas junto aos ribeiros e em inesperados lugares em tempos de energia a vapor.

Leia nas fachadas dos Hospitais, Asilos, Escolas e Teatros o nome dos que os construíram e veja, nos bustos, o rosto da filantropia benemérita ao serviços da cultura e da pobreza como actos com sentidos de distinção individual e vínculos às origens. Nos cemitérios poderá ver aqueles que optaram por mandar fazer uma capela de granito fino ou escolheram uma elegante coluna para implantar o seus busto e detectar o sentido ideológico das suas vidas: católico, ateu e maçom.

Os sinais de retorno de sucesso e as marcas expressas nas novas formas de capital social, cultural e simbólico, fazem dele o centro da paisagem, reflectida na vivência de frequentadores de casinos, praias, termas, cafés e teatros.

Uma personagem que circulou num tempo que ainda se expressa amarelecido em postais com remetente de várias regiões do Brasil, que testemunham a vida de homens viajados e cultos.